+ Saúde

Cardiopatias congênitas e a evolução da medicina



BEN STANSALL, AFP

Tricampeão olímpico de snowboard, Shaun White nasceu com tetralogia de Fallot

Nascer com uma alteração no coração não significa ter o futuro condicionado por ela, mas todo avanço traz desafios

Luísa Pigatto Kalil (*) e Paulo Roberto Lunardi Prates (**)

O que um bebê submetido a uma cirurgia cardíaca e um atleta olímpico têm em comum? O snowboarder norte-americano Shaun White, tricampeão olímpico, nasceu com tetralogia de Fallot, uma cardiopatia congênita, e passou por cirurgias ainda no primeiro ano de vida. Sua história mostra o quanto o cuidado com essas condições evoluiu – e que nascer com uma alteração no coração não significa ter o futuro condicionado por ela.

As cardiopatias congênitas são alterações na formação do coração ou dos grandes vasos que ocorrem durante a gestação. Estão entre as malformações mais frequentes ao nascimento e apresentam diferentes graus de complexidade. Algumas exigem apenas acompanhamento; outras precisam de procedimentos por cateter ou cirurgias, às vezes nos primeiros dias de vida.

Algumas décadas atrás, muitas crianças com cardiopatias graves não chegavam à idade adulta. Atualmente, graças aos avanços no diagnóstico, nas cirurgias, nos procedimentos menos invasivos e nos cuidados intensivos, a maioria sobrevive até a vida adulta, quando há acesso à assistência especializada. Essa conquista mudou o perfil dos pacientes: hoje precisamos cuidar não apenas de crianças, mas também de um número crescente de adultos que nasceram com uma cardiopatia.

A dimensão dessa mudança impressiona. Em países desenvolvidos, os adultos com cardiopatias congênitas já são mais numerosos do que as crianças com essas doenças. Nos Estados Unidos, estimativas apontavam cerca de 1,4 milhão de adultos e 1 milhão de crianças vivendo com cardiopatias congênitas. Essa transformação reflete, sobretudo, uma conquista: quem antes morria precocemente agora vive por muitas décadas.

Parceria com a Academia

- Este artigo faz parte da parceria firmada entre Zero Hora e a Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (ASRM) em março de 2022.
- Uma vez por mês, o caderno Vida publica conteúdos produzidos por médicos da entidade.
- A ASRM completou 35 anos em 2025, conta com cerca de 90 membros de diversas especialidades e atualmente é presidida pelo psiquiatra Sérgio de Paula Ramos.
- Os textos são assinados por um integrante do Programa Novos Talentos, coordenado pelo eletrofisiologista Leandro Zimerman, e por um tutor com larga experiência na área.

No Brasil, estima-se que cerca de 29 mil crianças nasçam com cardiopatia congênita a cada ano. Ainda faltam dados nacionais abrangentes para comparar com segurança o total de adultos e crianças afetados, mas também aqui cresce a necessidade de acompanhar aqueles que chegaram à vida adulta.

Acompanhamento constante

Contudo, todo avanço traz novos desafios. Ter passado por uma cirurgia na infância não significa, necessariamente, estar curado. Em alguns casos, a cirurgia corrige o defeito; em outros, melhora a circulação, mas não elimina todas as alterações do coração. Com o passar dos anos, podem surgir arritmias, problemas nas valvas, dilatação das cavidades cardíacas ou redução da capacidade de bombeamento do coração. Alguns pacientes precisarão de novas intervenções, mesmo décadas após a primeira operação.

Por isso, o acompanhamento não deve terminar quando acaba a infância – nem mesmo quando o paciente se sente bem. Consultas regulares e exames apropriados permitem identificar alterações precocemente, orientar a prática de exercícios, planejar uma gestação e avaliar a necessidade de novos tratamentos. No esporte, por exemplo, a história de Shaun White inspira, mas não deve ser tomada como regra: a possibilidade de praticar cada atividade depende da cardiopatia, dos resultados do tratamento e de uma avaliação individualizada.

No Brasil, ainda precisamos avançar para garantir esse cuidado ao longo de toda a vida. Isso exige ampliar o acesso a serviços especializados, organizar a transição entre as equipes pediátricas e adultas e preparar profissionais para atender às necessidades específicas desses pacientes. O sucesso da cirurgia infantil precisa ser acompanhado pela continuidade da assistência na vida adulta.

A história das cardiopatias congênitas mudou. Crianças que antes tinham poucas perspectivas de sobrevivência hoje podem crescer, estudar, trabalhar, praticar esportes e formar suas famílias. Fazer com que os avanços da medicina se traduzam não apenas em mais anos de vida, mas também em qualidade de vida, é o próximo passo dessa conquista. ▬

(*) Chefe da Cardiologia Pediátrica do Hospital da Criança Santo Antônio e integrante do programa Novos Talentos da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (ASRM)
(**) Chefe da Cirurgia Cardíaca Congênita do Hospital da Criança Santo Antônio e membro titular da ASRM